

Infecção se alastra nos hospitais

Pesquisa feita pelo próprio Ministério da Saúde mostra que os bebês pacientes de UTIs neonatais são os mais expostos

Fernanda Melazo e Alexandre Botão
Da equipe do Correio

Recém-nascido sofre em hospital brasileiro. Os bebês entre zero e um ano de idade representam quase a metade (47,8%) dos pacientes internados que adquirem a doença nos hospitais. Eles são as principais vítimas da infecção hospitalar no Brasil. Aqueles que precisam de tratamento nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI) neonatal também padecem. Os pequenos pacientes dessas UTIs são os que têm a maior chance (46,9% do total) de ter algum tipo de infecção hospitalar.

A verdade é que os trinta e quatro recém-nascidos que morreram na Maternidade Nossa Senhora do Nazaré em Boa Vista, Roraima, são apenas exemplos dessa macabra estatística.

E o Ministério da Saúde sabe disso. Ou pelo menos deveria saber. Esses e outros dados constam em uma pesquisa sobre infecções hospitalares realizada em 1994 pela Coordenação de Controle de Infecção Hospitalar do próprio ministério. O levantamento foi feito por meio de amostragem entre hospitais públicos e privados, com uma média de 170 leitos.

Ao enumerar quais os hospitais que mais matam por causa de sujei-

ra, o Ministério da Saúde constatou que as instituições públicas apresentam o maior índice de infecção hospitalar: 18,4%. Enquanto os hospitais privados sem fins lucrativos têm a menor, com 10%.

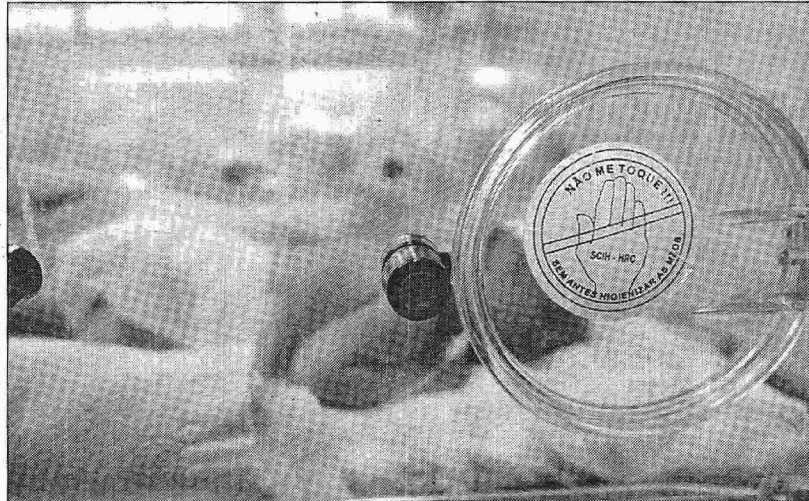
Entre as cinco regiões do país, a Sudeste apresenta a maior taxa de infecção, com 16,4%, seguida pela região Nordeste, com 13,1% de pessoas infectadas, e pelos hospitais nortistas — como o de Boa Vista —, onde o índice chega a 11,5%.

NÃO ME TOQUE

No Distrito Federal a maioria dos hospitais procura — a duras penas — realizar um controle de infecção hospitalar. Esse controle é muito eficiente em pelo menos duas instituições públicas do DF: o Hospital Regional da Asa Sul (Hras) e o Hospital Regional da Ceilândia (HRC).

Este mês, por exemplo, quatro be-

Zuleika de Souza



Recém-nascido no Hospital da Ceilândia: higiene básica protege e salva os bebês

bês que nasceram prematuros foram parar na UTI do Hras. Exames laboratoriais identificaram que eles estavam infectados por dois tipos de bactérias. Os bebês foram isolados em

uma sala reservada da Unidade de Terapia Intensiva e, segundo o chefe do Serviço de Controle de Infecção da instituição, Bruno Vaz da Costa, apenas um deles morreu. Poucos dias

depois, os outros três estavam se recuperando a base de antibióticos.

O procedimento é padrão. E salvou três vidas. O médico explicou que, no caso daqueles bebês, a resistência imunológica era quase zero. “O nosso sistema identificou antes que as bactérias se espalhassem”, disse Vaz Costa.

Já no Hospital da Ceilândia, o índice de infecção vem despencando nos últimos dois anos porque a direção resolveu tomar uma atitude simples e apostar nas noções básicas de higiene. A campanha “Não Me Toque Sem Antes Higienizar as Mãos” fez com que médicos, enfermeiras, pacientes e até seguranças do hospital passassem a lavar as mãos a toda hora. O resultado, segundo a direção do hospital, foi excelente: fez cair o índice de infecção hospitalar pela metade.

Colaborou: Beth Veloso